

Avaliação e intervenção para o medo e fobia de dirigir: revisão da literatura

Assessment and intervention for fear and phobia of driving: Literature review

Jocemara Ferreira Mognon

Universidade São Francisco e Centro Universitário Unibrasil.
Rua Konrad Adenauer, 442, Tarumã, 82820-540, Curitiba, PR, Brasil.
jocemognon@gmail.com

Acácia Aparecida Angeli dos Santos

Universidade São Francisco. Rua Waldemar César da Silveira, 105, 13045-510, Campinas, SP, Brasil.
acacia.angeli@gmail.com

Salete Coelho Martins

Psicotran. Rua Buenos Aires, 466 Conj. 155, 80250-070, Curitiba, PR, Brasil.
sallecoelho@hotmail.com

Resumo. O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica sobre a avaliação e a intervenção realizada com pessoas que têm medo ou fobia de dirigir. Foram utilizados os descritores 'medo de dirigir' e 'fobia de dirigir' em português, espanhol e inglês nas bases de dados SciELO, PePSIC, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Foram encontrados 119 estudos e, com base nos critérios de inclusão/exclusão, foram analisados 28 artigos. Os resultados identificaram a predominância de participantes do sexo feminino, na faixa etária de 35 a 45 anos e que aprenderam a dirigir mais tardiamente. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para as variáveis sociodemográficas e para o tempo de licença como motorista. Além disso, nem sempre o medo dirigir decorre de ter sofrido um acidente de trânsito, embora esses motoristas tenham maiores chances. As situações mais temidas pelas pessoas com medo de dirigir foram agrupadas em relação à via, ao veículo, às condições climáticas/metereológicas e às condições pessoais/sociais. Foram encontrados apenas sete artigos que traziam informações sobre a construção, a adaptação ou a busca de evidência de validade de instrumentos de avaliação do medo de dirigir. Os estudos de intervenção tiveram como objetivo diminuir ou extinguir o comportamento de evitar dirigir, aumentar o contato com o veículo, aprimorar as habilidades na direção e, conseqüentemente, a confiança em dirigir. As técnicas de tratamento incluíram relaxamento e treino de respiração, dessensibilização *in vivo* e sistemática e uso de simuladores de direção – VRET. Conclui-se que tem aumentado o interesse dos pesquisadores pelo tema, mas que são necessários novos estudos, principalmente no que tange às intervenções terapêuticas.

Palavras-chave: medo, fobia, revisão de literatura.

Abstract. The objective of this study was to analyze the scientific production on evaluation and intervention performed with people who are afraid of driving or have driving phobia. The descriptors 'fear of driving' and 'driving phobia' were used in Portuguese, Spanish and English in the SciELO, PePSIC, CAPES Periodical and Google Academic databases. From the 119 studies found, based on the inclusion/exclusion criteria, 28 articles were analyzed. The results identified a predominance of female participants aged 35-45 years who learned to drive later. No statistically significant differences were found for sociodemographic variables and driver license time. In addition, not always fear of driving is due to having suffered a traffic accident, although these drivers have greater probability of being afraid of driving. The most feared situations by people who suffered from fear of driving were grouped in relation to the road, vehicle, weather conditions and personal/social conditions. Only seven articles were found that provided information about the construction, adaptation or search for validity evidence of instruments to assess the fear of driving. Intervention studies aimed to reduce or extinguish driving avoidance behavior, increase contact with the vehicle, improve driving skills and, consequently, confidence in driving safely. Treatment techniques included relaxation and breathing training, in vivo and systematic desensitization and use of steering simulators – VRET. It is concluded that the researchers' interest in the subject has increased, but that further studies are needed, especially regarding therapeutic interventions.

Keywords: fear, phobia, literature review.

Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-5* (APA, 2014), o medo é uma emoção que envolve a percepção de um perigo iminente que pode ser real ou imaginário e que serve como uma defesa do organismo. Entretanto, quando se torna exagerado em relação a uma determinada situação, torna-se um transtorno de ansiedade denominado de fobia específica. Dentre os critérios diagnósticos, são mencionados: o medo acentuado e persistente diante da presença ou antecipação do estímulo fóbico; medo desproporcional ao contexto real; persistência do sintoma por mais de seis meses e, por fim, o fato de ser a causa de prejuízo social e ocupacional. Todavia, o entendimento clínico sobre o medo de dirigir começou a ser discutido apenas no final da década de 1970 e vem se ampliando com o aumento de investigações científicas nessa área, principalmente, a partir dos anos 2000 (Taylor *et al.*, 2007a).

O medo, ou fobia, de dirigir pode variar de um nível leve, tal como uma relutância em dirigir, à evasão completa de condução e, até mesmo, de andar como passageiro em um veículo (Taylor *et al.*, 2011). O transtorno é nomeado de amoxofobia e a sua compreensão tem sido considerada complexa (Taylor *et al.*, 2000), uma vez que esses temores podem ter vários antecedentes (Rovetto, 1983), como uma combinação de características de fobia, transtorno

de pânico com agorafobia e estresse pós-traumático (Ehlers *et al.*, 1994; Taylor *et al.*, 2000).

Inicialmente, o foco do tratamento do medo de dirigir foi voltado para o cuidado de pessoas que haviam sofrido acidentes de trânsito, mas a literatura tem avançado, mostrando que essa relação nem sempre está presente nos pacientes (Taylor *et al.*, 2007a). Segundo Corassa (2000), com base em sua prática clínica, dentre as características mais frequentemente, estão o receio de errar, de ser criticado, de perder o controle do veículo, de sofrer um acidente, de atropelar um pedestre e de se machucar.

Os motoristas com medo de dirigir subestimam as suas próprias habilidades e acreditam que outras pessoas estão observando e avaliando o seu comportamento e os erros que cometeram (Costa *et al.*, 2014). Essa sensação é pertinente, pois, para Bellina (2005), as pessoas são muito críticas com os motoristas que têm medo de dirigir, pois empregam julgamentos considerando fraqueza ou até incompetência, visto que, para quem já tem os comportamentos de dirigir automatizados, é difícil entender o medo de dirigir. No entanto, não tem ficado claro na literatura se os motoristas com medo de dirigir representam algum risco para o trânsito (Taylor *et al.*, 2011), bem como se a baixa confiança sobre a habilidade na direção desempenha papel no medo de dirigir ou se seria o contrário (Taylor *et al.*, 2007b).

Para Marín (2011), o medo de dirigir deve ser uma preocupação social, pois a sua manifestação pode ser incapacitante e um perigo para o trânsito, uma vez que, segundo Wald e Taylor (2000), reduz o processamento de informação e pode prejudicar o desempenho na condução, aumentando o risco de erros, a evasão e até os acidentes de trânsito. Entretanto, estudos têm mostrado que o medo aumenta a percepção de risco e faz com que os motoristas evitem situações de risco que possam gerar perigo no trânsito (Lu *et al.*, 2013; Taylor *et al.*, 2011).

Em termos de tratamento eficaz para o medo de dirigir, primeiramente, é necessário entender a etiologia, a manutenção e suas consequências para o indivíduo (Taylor *et al.*, 2007b). Geralmente, o tratamento envolve atendimento psicoterápico, com base na terapia comportamental, utilizando a exposição às situações/objetos temidos, seja pela experiência do sentir e do pensar, pela dessensibilização *in vivo* ou pela exposição à realidade virtual (VRET) (Haydu *et al.*, 2014; Wald e Taylor, 2003). Atualmente, a VRET tem sido bastante discutida, uma vez que fornece benefícios, tais como um ambiente controlado, padronizado, com possibilidade de repetição da prática e situações que na realidade poderiam ser perigosas e temidas pelo paciente, enquanto que as desvantagens são o alto custo e a possibilidade de não ser realista para todos os pacientes (Costa *et al.*, 2010; Haydu *et al.*, 2014).

Em uma revisão sistemática sobre a eficácia da VRET, Costa *et al.* (2010) concluíram que, após a finalização dos atendimentos, 83% dos motoristas aumentaram a frequência de direção e diminuíram significativamente os escores em angústia, ansiedade na condução, estresse pós-traumático e depressão. Os resultados promissores com a VRET impulsionam o desenvolvimento de várias interfaces, que têm sido utilizadas no tratamento do medo de dirigir. Paiva *et al.* (2007) desenvolveram uma interface em que é possível a criação de rotas customizadas pelos próprios psicólogos de acordo com o perfil de cada paciente, configurando aspectos externos à rota, tais como tráfego, condições climáticas, quantidade de carros e pedestres nas ruas, se a rota será percorrida ao anoitecer, ou durante o dia, se terá chuva e neblina.

As discussões na literatura sobre o medo de dirigir têm aberto um leque de possibilidades para a compreensão do fenômeno, assim como também para o tratamento desses pacientes. No Brasil, vários são os psicólogos interessados nessa demanda profissional, e já

foram publicados livros descrevendo a prática (Bellina, 2005; Corassa, 2000), e, em 2015, foi realizado o primeiro Congresso Nacional *online* com foco na superação do medo de dirigir – CONDIR. Sob essa perspectiva, e considerando a importância de reunir e analisar o conhecimento divulgado na literatura foi estabelecido como objetivo realizar um levantamento da produção científica sobre o medo de dirigir, focalizando, principalmente, a avaliação e a intervenção.

Método

Foi realizado um levantamento de estudos utilizando os descritores ‘medo de dirigir’ e ‘fobia de dirigir’ em português, inglês e espanhol nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Periódicos CAPES e Google Acadêmico no mês de novembro de 2016. Não foi determinado período para que os artigos fossem analisados, na intenção de verificar a amplitude da área. Contudo, foram estabelecidos como critérios de inclusão: (a) apenas artigos científicos com revisão por pares, de modo a se selecionar apenas a literatura indexada; (b) com delineamento metodológico (empírico); (c) redigidos nos idiomas português, inglês e espanhol; d) com temática que envolvesse especificamente o medo ou fobia de dirigir no trânsito. Os critérios de exclusão foram: (a) capítulos de livros, resenhas, monografias, dissertações e teses; (b) artigos que envolviam também a descrição de outros medos ou transtornos; (c) artigos que ao invés de se referir ao medo de dirigir descrevem sobre o medo em sofrer acidentes, por exemplo.

Foram realizadas as buscas e com base nos títulos e resumos foram recuperados 120 artigos, distribuídos em Periódicos CAPES ($n = 106$), SciELO ($n = 7$), PePSIC ($n = 1$) e Google Acadêmico ($n = 6$). Verificou-se que do total de artigos, 44 tinham como foco transtornos que poderiam dificultar o ato de dirigir (por exemplo, síndrome do pânico; depressão). Além disso, 19 deles estavam repetidos na mesma base ou em bases de dados diferentes. Também foram excluídos 29 estudos que não se referiam especificamente ao medo de dirigir em motoristas ou futuros motoristas, mas em outros medos ou fobias, como exemplo, de voar e de sofrer acidentes. Assim, foram analisados na íntegra 28 artigos que foram agrupados em três temas (a) os que descreviam as características das pessoas com medo de dirigir; (b) os

que tinham como foco a construção e adaptação de instrumentos de avaliação do medo de dirigir e (c) os que descreviam intervenções realizadas sobre o medo de dirigir.

Resultados e discussão

Na Tabela 1 são apresentadas as descrições dos artigos da primeira temática que procuraram analisar as características das pessoas com medo de dirigir. Nela estão também sumarizadas as informações sobre a base de indexação do artigo, autores, ano, objetivo e resultados obtidos nos estudos selecionados.

Como pode ser observado na Tabela 1, foram agrupados 14 artigos, a maioria indexada nas bases de dados Periódicos CAPES ($n = 5$) e Google Acadêmico ($n = 5$). Verifica-se que oito estudos foram publicados por pesquisadores da Nova Zelândia, seguido pelos dos Estados Unidos e do Brasil. Neste grupo de artigos analisados, o mais antigo é do ano de 1994, havendo um aumento de publicações depois do ano de 2000. No Brasil, os estudos sobre a caracterização dos motoristas com medo de dirigir são mais recentes, datados a partir de 2013.

Nota-se, a partir da análise dos artigos selecionados nesse primeiro agrupamento, que o intuito dos autores foi de buscar compreender o fenômeno, descrevendo as características clínicas e sociodemográficas, bem como os motivos para o desencadeamento do medo de dirigir e suas consequências. Na literatura tem sido discutido que o medo ou fobia de dirigir pode causar a perda de autonomia nas atividades cotidianas, constrangimento social e conseqüentemente, redução na qualidade de vida (Clapp *et al.*, 2011; Costa *et al.*, 2014). De acordo com os estudos, as amostras de motoristas com medo de dirigir foram predominantemente constituídas por mulheres (Ehlers *et al.*, 1994; Taylor *et al.*, 1999, 2000, 2008; Marín, 2011), com idades na faixa etária dos 35 a 55 anos (Alpers *et al.*, 2005; Costa *et al.*, 2014; Taylor *et al.*, 1999) e que aprenderam a dirigir mais tardiamente, na faixa etária dos 20 a 30 anos (Marín, 2011; Taylor *et al.*, 2007a). Apesar de que no estudo com motoristas habilitados, Taylor *et al.* (2007a) não verificaram diferenças significativas para a idade e outras variáveis sociodemográficas, como estado civil, emprego, tempo de licença como motorista e experiência na direção.

Considera-se que a descrição das informações sociodemográficas é relevante para compreender os aspectos sociais que podem con-

tribuir para o fenômeno. Segundo Almeida *et al.* (2005), não é possível se estudar o trânsito sem discutir questões de gênero, escolaridade e o nível socioeconômico. No que se refere ao gênero, por exemplo, os autores afirmam que existem diferenças nos papéis sociais de homens e mulheres motoristas e em suas relações com o trânsito. Em muitas situações, as mulheres são desqualificadas como motoristas, prevalecendo a crença social de que são piores. Por outro lado, recai sobre os homens a expectativa de que, obrigatoriamente, devem se sair bem como motoristas, o que possivelmente faz com que tenham maior dificuldade para assumir o seu medo na direção.

Conforme Taylor *et al.* (1999), existem dificuldades para estabelecer os motivos do medo de dirigir. Inicialmente a explicação para o medo ficava restrita aos que haviam sofrido acidentes de trânsito, contudo, os estudos demonstram que nem sempre esse é o motivo para o medo de dirigir (Taylor e Deane, 1999, 2000; Taylor *et al.*, 1999). Entretanto, motoristas que relataram ter sofrido acidentes de trânsito apresentaram maiores chances de desenvolver o transtorno (Barp e Mahl, 2013; Ehlers *et al.*, 1994; Taylor e Deane, 2000). Vale salientar que os estudos, em geral, não investigaram amplamente a variável do acidente anterior, esclarecendo, por exemplo, se foi o motorista com medo de dirigir responsável pelo acidente, se ele foi apenas vítima, ou ainda, se apenas presenciou um acidente de trânsito. Em acréscimo, é importante que seja investigada a gravidade do acidente, se houve danos de pequena monta no veículo, perda total, pessoas feridas e/ou mortas, para que se possa compreender as crenças que determinam a formação e a manutenção do medo de dirigir.

A análise dos artigos permitiu agrupar as situações mais temidas pelas pessoas com medo de dirigir: (1) em relação à via, como conduzir por rodovias, pontes, túneis, ruas íngremes, intersecções, estacionar, ficar em um engarrafamento, mudar de faixa, dirigir em tráfego intenso, dirigir em lugares desconhecidos e ficar perdido; (2) em relação ao veículo, ter problemas mecânicos, um carro potente, necessidade de dirigir em alta velocidade e de perder o controle na direção; (3) em relação às condições climáticas e meteorológicas, como conduzir com chuva, vento, granizo, neblina e à noite; (4) em relação aos aspectos pessoais e sociais, como a necessidade de uma reação rápida e inesperada, de atrapalhar o trânsito, sofrer um acidente de trânsito, sofrer uma lesão,

Tabela 1. Distribuição dos artigos que realizaram a caracterização de participantes com medo de dirigir.
Table 1. Distribution of the articles that carried out the characterization of participants with fear of driving.

Base	Autores	Ano	País de origem	Objetivo	Amostra	Principais resultados
Periódicos CAPES	Ehlers <i>et al.</i>	1994	EUA	Investigar as características clínicas e diagnóstica de pessoas com medo de dirigir.	56 motoristas com medo de dirigir, 82% mulheres, 48,4 anos de média de idade. 31 motoristas do grupo controle, 77% mulheres, 49,5 de média de idade.	Situações temidas: dirigir em autoestradas, passar por pontes, túneis. Sintomas dos motoristas com medo: 81% relataram ter tido ataques de pânico, apesar de apenas 14% deles preencherem os critérios para a desordem de pânico, segundo o DSM-III. Não haviam sofrido mais acidentes automobilísticos que o grupo controle, além disso, apenas 15% deles relataram que o envolvimento em acidentes de trânsito foi a causa para a sua fobia de dirigir.
Periódicos CAPES	Taylor e Deane	1999	Nova Zelândia	Investigar os motivos para o medo de dirigir.	190 motoristas com medo de dirigir sendo que 82% eram do sexo feminino.	4% dos participantes relataram serem sempre ansiosos. Apenas 24,21% (n=46) condutores relataram ter sofrido um acidente de trânsito, mas desses, 93,5% relataram ser esse o motivo principal para o seu medo de dirigir.
Periódicos CAPES	Taylor <i>et al.</i>	1999	Nova Zelândia	Buscaram analisar a estabilidade de atribuições do início do medo e um ano após a avaliação.	85 motoristas, 95% de mulheres e média de idade de 50 anos.	Não houve concordância nas atribuições realizadas pelos pacientes um ano após a primeira avaliação, visto que 46% da amostra atribuiu a motivos diferentes o início do medo. Destes, 48% descreveram algum evento no último ano, como ter sofrido um acidente de trânsito, prejuízo no veículo devido à maneira de condução e campanhas de segurança no trânsito.
Periódicos CAPES	Taylor e Deane	2000	Nova Zelândia	Buscaram levantar os motivos para o medo de dirigir.	Motoristas que sofreram acidente de trânsito (n=140) e motoristas que não sofreram acidentes (n=50), 92% do sexo feminino, 66% com idades entre 30 e 59 anos.	Dos motoristas que haviam sofrido acidentes de trânsito, apenas 55,7% atribuíram este motivo ao seu medo de dirigir. De modo geral, os motivos encontrados com maior frequência foram: dirigir sozinho, medo de perder o controle do carro, dirigir um veículo poderoso; dificuldades com as exigências das demandas (tempo de reação, erros de julgamento, condições meteorológicas ou condições das estradas).

Tabela 1. Continuação.
Table 1. Continuation.

Periódicos CAPES	Taylor <i>et al.</i>	2000	Nova Zelândia	Levantar as características específicas das pessoas com medo de dirigir.	85 motoristas com medo de dirigir, 95% mulheres, média de idade 50,9 anos.	Pessoas relataram que os seus maiores medos na direção são de sofrer um acidente de trânsito, perder o controle do veículo, sofrer uma lesão, sentir muita ansiedade, a estrada ser perigosa, experimentar situação corporal intensa e desagradável, carro quebrar, ficar perdido, ser criticado por outras pessoas, de engarrafamento e crise física ou mental. Além disso, os motoristas da amostra relataram se perceber mais tensos e responsáveis que a média de um motorista comum.
Periódicos CAPES	Alpers <i>et al.</i>	2005	EUA	Buscaram ava- liar o medo e a ansiedade de dirigir base- ando-se em instrumentos de autorrelato e em medidas fisiológicas.	21 motoristas com medo de dirigir, com idade média de 46 anos que foram comparados com 17 integrantes de um grupo controle pareados pelas variáveis sexo e idade.	Os resultados indicaram que os motoristas considerados fóbicos apresentaram diferenças significativas com maior escore em sintomas gerais, depressão, ansiedade-traço, fobia de dirigir e agorafobia. Mencionaram, ainda, aspectos fisiológicos como batimento cardíaco, condutância da pele (transpiração) e expiração de dióxido de carbono.
Google Acadêmico	Taylor <i>et al.</i>	2007a	Nova Zelândia	Buscaram investigar as características clínica e habilidades na direção de motoristas com medo de dirigir.	50 motoristas com medo de dirigir, idade média de 43,60. Além, dos 50 motoristas do grupo controle com média de idade de 41,3.	46% dos motoristas temerosos preencheram critérios para uma desordem de ansiedade nos últimos 12 meses, 30% de fobia específica, 12% de fobia social, 10% de transtorno do pânico e os demais se enquadravam em critérios para múltiplos diagnósticos. Os motoristas foram agrupados em quatro subgrupo: medo de danos a si e aos outros; medo das condições da estrada, veículo e condições climáticas; medo dos sintomas de ansiedade ou ataques de pânico; medo das reações de outros motoristas, da pressão e de atrapalhar o trânsito.
Google Acadêmico	Taylor <i>et al.</i>	2007b	Nova Zelândia	Explorar habilidades na direção.	50 motoristas com medo de dirigir, idade 43,60. No grupo contro- le, 50 motoristas com média de idade de 41,3.	Na avaliação prática de condução, o grupo com medo de dirigir cometeu mais erros, como a falta de estratégias de busca, principalmente nos cruzamentos, de se inserir no fluxo de tráfego e manter a posição no trânsito. No entanto, o padrão de erros foi semelhante aos dos motoristas do grupo controle.

Tabela 1. Continuação.
Table 1. Continuation.

Google Acadêmico	Taylor e Paki	2008	Nova Zelândia	Explorar a frequência e características do medo de dirigir.	99 motoristas da região rural, com média de idade de 38,8 anos.	7 a 8% da amostra apresentavam ansiedade e medo de dirigir, variando de moderado a extremo. As mulheres apresentaram médias significativamente maiores. Os motivos principais relatados para a evasão de dirigir foram a necessidade de dirigir rápido e estar em engarrafamentos.
Google Acadêmico	Taylor <i>et al.</i>	2011	Nova Zelândia	Investigar a prevalência de ansiedade e medo de dirigir em idosos.	2491 motoristas idosos, com idade entre 55 a 70 anos.	82% da amostra dirigem todos os dias, somente 5,5% dos condutores relataram ansiedade, variando de nível moderado a intenso e apenas 3,9% de medo, variando de moderado a extremo. Foram encontradas diferenças significativas em que as mulheres declararam sentir maior ansiedade e medo do que os homens.
Periódicos CAPES	Marín	2011	Espanha	Investigar o medo de dirigir em futuros motoristas.	680 futuros motoristas, com idade média de 25 anos, 57,4% de mulheres.	19% da amostra apresentavam medo de dirigir e a maioria era de mulheres. Além disso, quanto maior a idade e mais elevado o tempo de início para aprender a dirigir, maior a pontuação para a amaxofobia.
Google Acadêmico	Barp e Mahl	2013	Brasil	Identificar os motivos do medo de dirigir.	Oito mulheres com medo de dirigir, com idades entre 19 e 58 anos.	Os motivos envolviam já ter sofrido acidentes traumáticos, por acomodação, pressão social dos familiares e pela falta de paciência do instrutor. As características pessoais encontradas: ansiedade, nervosismo, insegurança e medo de machucar alguém no trânsito.
SciELO	Cantini <i>et al.</i>	2013b	Brasil	Identificar o perfil dos motoristas com medo de dirigir.	93 motoristas que procuraram ajuda em um centro especializado para tratar o medo de dirigir, com idades entre 21 a 70 anos, sendo 89,2% mulheres.	85,5% relataram que apresentavam medo de dirigir e destes, 35,5% relataram que o motivo era a falta de prática na direção. As situações causadoras de medo eram estacionar na rua e também na sua própria garagem, dirigir em tráfego intenso, dirigir sozinho, em lugares desconhecidos, em rodovias, não dominar as marchas e não conseguir fazer as curvas rapidamente.
Periódicos CAPES	Costa <i>et al.</i>	2014	Brasil	Descrever as características do medo de dirigir nos motoristas.	64 motoristas mulheres, com média de idade de 35 anos.	Situações de maior medo: estacionar na garagem de casa, em 90º, no morro e nos estacionamentos paralelos, dirigir em rodovias, engarrafamento, em situações com chuva, granizo, ventos fortes e neblina. Também foram identificados níveis maiores de ansiedade, como traço e como estado, a presença de pensamentos disfuncionais e menores níveis de qualidade de vida neste grupo.

ferir alguém e ser criticado por outras pessoas (Ehlers *et al.*, 1994; Barp e Mahl, 2013; Cantini *et al.*, 2013b; Costa *et al.*, 2014; Taylor e Deane, 2000; Taylor *et al.*, 2007a, 2000). Entre os receios psicológicos dos motoristas com medo de dirigir estão: sentir muita ansiedade, apresentar uma situação corporal ou mental intensa e desagradável e sofrer um ataque de pânico (Ehlers *et al.*, 1994; Taylor *et al.*, 2007a). Realmente, estas são situações que podem ocorrer, uma vez que os estudos têm descrito que os motoristas temerosos podem apresentar também desordem de ansiedade, como traço e como estado, fobia específica, transtorno de pânico e depressão (Alpers *et al.*, 2005; Taylor e Deane, 1999; Taylor *et al.*, 2007a, 2007b, 2008; Taylor e Paki, 2008). Ademais, podem apresentar também sintomas fisiológicos intensos como batimento cardíaco, condutância da pele (transpiração) e expiração de dióxido de carbono (Alpers *et al.*, 2005; Taylor e Deane, 1999).

Dos 14 artigos descritos na Tabela 1, em apenas um deles não foi utilizado um instrumento psicométrico para a avaliação do medo de dirigir. Para Cantini *et al.* (2013a), os instrumentos psicométricos são fundamentais para o avanço da investigação na área e para a prática clínica, uma vez que eles contribuem para conceituar o transtorno e também para a elaboração do plano terapêutico. No entanto, pelos critérios do levantamento foram encontrados apenas sete artigos que traziam informações sobre a construção, adaptação ou busca de evidência de validade aos instrumentos, como pode ser observado na Tabela 2.

Pelas informações da Tabela 2 verifica-se que ainda há um número pequeno de medidas para avaliação do medo de dirigir, como o *Driving Cognitions Questionnaire* – DCQ (Ehlers *et al.*, 2007) e o *Cuestionario para Evaluar el Miedo a Conducir en Preconductores* – CEMICP (Marín, 2011). Também são citados outros questionários desenvolvidos para avaliar aspectos relacionados com o construto, a saber: comportamentos ansiosos na direção, o *Driving Behavior Survey* – DBS (Clapp *et al.*, 2011) e o comportamento evitativo, *Driving and Riding Avoidance Scale* – DRAS (Taylor e Sullman, 2008).

Ao analisar o método dos artigos identificou-se a descrição de outros questionários para avaliar o fenômeno do medo de dirigir. Contudo, não foram encontradas publicações específicas relatando a construção ou a busca de evidência de validade para esses instrumentos. Pode-se citar o *Fear of Driving Inventory* (FDI; Walshe *et al.*, 2003) que mede a an-

siedade em viajar, a esquivas de viagens e as estratégias não adequadas de dirigir. Também há o *Driving Situations Questionnaire* (DSQ, Ehlers *et al.*, 1994) que é uma medida que avalia a severidade da ansiedade para dirigir.

Como visto na Tabela 2, há no Brasil dois instrumentos adaptados para serem utilizados em pesquisas com pessoas que têm medo de dirigir que estão em fase de estudos de suas evidências de validade (Cantini *et al.*, 2013a; Carvalho *et al.*, 2011). Recentemente, os resultados com o DCQ indicaram boas perspectivas atestando a sua qualidade psicométrica para a avaliação de cognições relativas ao medo de dirigir (Gomes *et al.*, 2015). Assim, acredita-se que brevemente novos estudos se somarão e acrescentarão mais informações sobre o medo de dirigir.

Analisando o nome dos fatores dos instrumentos descritos na Tabela 2, verifica-se coerência com os motivos descritos na literatura para o medo de dirigir. Entretanto, aspectos importantes do transtorno estão distribuídos em diferentes instrumentos. Como por exemplo, o déficit de desempenho é um fator do DBS; as cognições relativas ao medo de sofrer ataques de pânico no trânsito, o medo de acidentes e a crítica social no contexto da direção estão no DCQ; evitação de dirigir em condições de tráfego intenso ou em determinadas condições climáticas no DRAS; a discriminação do que são respostas de ansiedade e de evitação no CEMICP. Assim sendo, seria relevante a construção de um instrumento específico para avaliar o medo de dirigir, para uso no Brasil, que abarcasse em seus itens o máximo possível dessas condições.

No que se refere ao tratamento, verificou-se que alguns artigos do levantamento têm discutido, há várias décadas, maneiras mais eficazes para se trabalhar com esse público, especialmente em países da América do Norte e da Europa (Wellman, 1978; Rovetto, 1983; Kraft e Kraft, 2004; Wald e Taylor, 2000, 2003; Walshe *et al.*, 2003). No entanto, apesar do primeiro estudo localizado ser do final da década de 1970, foram encontrados apenas seis artigos publicados posteriormente a essa data e não há publicações após 2003. Assim, constatou-se que não têm sido relatadas recentemente intervenções realizadas em pessoas com medo de dirigir, como visto na Tabela 3.

Os estudos descrevendo as intervenções realizadas com as pessoas que tem medo de dirigir variaram em número de sessões, de uma até 19. As estratégias utilizadas no tratamento são em geral: relaxamento e respiração, des-

Tabela 2. Descrição de estudos sobre instrumentos para avaliação do medo de dirigir.
Table 2. Description of studies about instruments to assess the fear of driving.

Base	Autores	Ano	País de origem	Objetivo	Instrumento/Objetivo	O que avalia	Amostra	Resultados
Google Acadêmico	Clapp <i>et al.</i>	2011	EUA	Buscar evidência de validade.	Driving Behavior Survey (DBS)	A ocorrência de comportamentos ansiosos na condução.	745 universitários, com idade média de 19 anos.	Três fatores nomeados como déficit de desempenho, comportamento de segurança exagerado e comportamento agressivo. Foram encontrados níveis adequados que atestaram evidências de validade e fidedignidade ao instrumento.
SciELO	Cantini <i>et al.</i>	2013a	Brasil	Adaptação transcultural para o Brasil.	Driving Behavior Survey (DBS)	A ocorrência de comportamentos ansiosos na condução.	2 tradutores, 4 juízes especialistas em saúde mental. Na validação semântica 18 motoristas.	Foram realizadas traduções e retrotraduções, estudo piloto e adequações ao conteúdo.
Periódicos CAPES	Ehlers <i>et al.</i>	2007	EUA	Construção	Driving Cognitions Questionnaire (DCQ)	Avalia a gravidade da fobia de dirigir.	42 sujeitos diagnosticados pelo DSM-IV com fobia de dirigir e 27 do grupo controle, com idade média de 50 anos. Replicação em 50 motoristas com medo de dirigir e grupo controle, com média de idade de 43 anos.	Os resultados indicaram uma versão final do instrumento com 20 itens e três fatores que se referem à preocupação (com o pânico; com acidentes de trânsito e com os outros) e níveis de fidedignidade adequados. Os resultados corroboraram os achados do primeiro estudo. Além disso, foram encontradas correlações positivas de magnitude moderada entre os fatores do DCQ com outros instrumentos que avaliam agorafobia, ansiedade, depressão, fobia social e transtorno pós-traumático.

Tabela 2. Continuação.
Table 2. Continuation.

SciELO	Carvalho <i>et al.</i>	2011	Brasil	Adaptação transcultural para o Brasil.	Driving Cognitions Questionnaire (DCQ)	Mede as cognições que podem motivar o medo de dirigir.	6 tradutores e 10 motoristas, com idade média de 36,3 anos e sem histórico de diagnóstico psiquiátrico.	Foram realizados procedimentos de tradução, adaptação e avaliação semântica. Os resultados encontrados mostraram que o instrumento se mostra promissor, sendo a etapa seguinte a busca por evidências de validade.
SciELO	Gomes <i>et al.</i>	2015	Brasil	Evidência de validade.	Driving Cognitions Questionnaire (DCQ)	Mede as cognições que podem motivar o medo de dirigir.	200 alunos de autoescolas, 130 do sexo feminino (65,0%), idade com média de 39,13 anos.	Foram encontrados dois fatores (cognições relativas ao medo da crítica social/falta de controle no trânsito; e cognições relativas ao medo de acidentes de trânsito). Foram identificadas correlações positivas com o IDATE-estado e traço que avalia a ansiedade, mas não foi encontrada diferença significativa no DCQ para a variável sexo.
Periódicos CAPES	Taylor e Sullman	2008	Nova Zelândia	Evidência de validade.	Driving and Riding Avoidance Scale (DRAS)	Avalia o comportamento evitativo na direção.	301 motoristas não-clínicos, com média de idade de 23,7 anos, sendo 59% mulheres.	Foram encontrados três fatores (evitação de tráfego; evitação em condições climáticas adversas ou escuridão; evitação de dirigir) e consistência interna adequada. Além disso, foi encontrado um bom o índice de estabilidade temporal, em avaliação realizada após dois meses.
Periódicos CAPES	Marín	2012	Espanha	Construção	Questionario para Evaluar el Miedo a Conducir en Preconductores (CEMICP).	Avalia o medo de dirigir em futuros motoristas.	336 futuros condutores, com idade média de 23 anos, sendo 51% mulheres.	Três fatores (ansiedade antecipatória a ação de conduzir; respostas de ansiedade; e respostas de evitação). Evidências de validade baseadas estrutura interna e bons níveis de confiabilidade.

Tabela 3. Descrição de artigos de intervenções realizados com participantes com medo de dirigir.
Table 3. Description of articles of interventions made with participants with fear of driving.

Base	Autores	Ano	País	Paciente(s)	Sessões	Procedimentos	Avaliação
Periódicos CAPES	Wellman	1978	EUA	Mulher, 67 anos, altamente ansiosa, deprimida, solitária e com muitos medos.	19	Treinos semanais, relaxamento, dessensibilização in vivo com aumento progressivo no número de viagens e quilômetros percorridos pela paciente sozinha por rotas pré-determinadas, enquanto o pesquisador a seguia de outro veículo.	Realizada depois de um mês, três, seis e 15 meses depois do fim do tratamento. A paciente informou que continuava dirigindo sozinha.
Google Acadêmico	Rovetto	1983	Itália	Homem, 34 anos com fobia de dirigir.	12	Dessensibilização in vivo que envolviam aumento gradual de dificuldade, iniciando com a paciente dirigindo o seu próprio veículo por onde vive, depois por autoestradas e nas últimas sessões no centro da cidade.	Realizada nove meses depois da finalização do tratamento. O paciente informou que está conduzindo sozinho.
Periódicos CAPES	Kraft e Kraft	2004	Inglaterra	Mulher, 55 anos que apresentava fobia de dirigir depois de um acidente de trânsito.	16	Dessensibilização sistemática por meio da hipnose. Após as sessões a paciente era encorajada a dirigir o seu veículo com um motorista habilitado.	Realizada seis meses depois da finalização do tratamento. A paciente informou que o tratamento havia sido fantástico para o seu medo de dirigir.
Periódicos CAPES	Wald e Taylor	2000	Canadá	Mulher, 35 anos com medo de dirigir.	03	Simulador de direção (VRET) discussão dos cenários por 5 a 10 minutos e a prática do VRET em torno de 40 minutos.	A avaliação do medo da paciente, três meses depois do tratamento, foi menor que a apresentada no início dos atendimentos.
Periódicos CAPES	Wald e Taylor	2003	Canadá	Estudo 1= Mulher, 35 anos, diagnosticada com fobia de dirigir. Estudo 2= Seis pacientes, idade entre 31 a 57 anos. Diagnosticadas com fobia de dirigir.	08	Simulador de direção (VRET), cada sessão variando de 25 a 50 minutos.	Foram realizadas avaliações um mês, três e doze meses depois. Os resultados indicaram que apesar de haver maior frequência de direção nos pacientes, para dois deles o tratamento não surtiu efeito.
Periódicos CAPES	Walshe <i>et al.</i>	2003	Irlanda	7 motoristas com diagnóstico de fobia de dirigir e que imergiram na realidade virtual.	12	Simulador de direção (VR) e o uso de jogos de game (<i>Game Reality</i>), cada sessão com duração de 60 minutos.	Os pacientes foram avaliados no pré e pós-tratamento e os resultados indicaram diferenças significativas com diminuição da frequência cardíaca, ansiedade, intensidade de sintomas de estresse pós-traumático, depressão e medo de dirigir.

sensibilização *in vivo*, dessensibilização sistemática e uso de simuladores de direção – VRET (Kraft e Kraft, 2004; Wald e Taylor, 2000; Walshe *et al.*, 2003; Wellman, 1978; Rosetto, 1983). Os estudos descrevem, ainda, as reavaliações feitas com os pacientes após a finalização dos atendimentos, para verificar a eficácia do tratamento (Wellman, 1978; Wald e Taylor, 2000; Walshe *et al.*, 2003).

Os resultados das avaliações indicaram melhora do medo de dirigir nos motoristas após o tratamento e grande ênfase dada para a VRET. No entanto, Wald e Taylor (2003) discutem que o uso isolado de uma estratégia não parece ser suficiente para o tratamento da fobia em alguns pacientes. Elas devem ser utilizadas até o paciente se sentir mais seguro para iniciar a terapia de exposição *in vivo*. Além disso, os estudos não discutem meticulosamente detalhes da redução do medo, como a frequência na direção, situações que antes do tratamento não conseguia realizar e no momento realizam, tais como dirigir em engarrafamentos, rampas (controle da embreagem) e mudanças de faixa. Isso é importante, pois, o medo de dirigir é complexo e o tratamento deve envolver muito mais do que apenas dessensibilização de algumas situações de medo, mas possibilitar que condições importantes como o treino de habilidades motoras, sensoriais e cognitivas; o conhecimento do veículo e informações sobre trânsito, com suas implicações preventivas, defensivas e punitivas.

No estudo de Taylor *et al.* (2007a) foi possível verificar que apesar das pessoas com medo de dirigir terem compartilhado o problema com familiares e amigos, muitos mostraram-se resistentes a procurar atendimento e declararam que não procurariam ajuda médica/psicológica. Em razão da resistência de pessoas com medo de dirigir para reconhecerem que precisam de ajuda profissional para lidarem com a situação é importante que haja maior divulgação sobre o tratamento e a sua eficácia. Como verificado por Barp e Mahl (2013), as maneiras para diminuir e/ou extinguir o medo de dirigir, são o tratamento psicoterápico com estratégias que reduzam a ansiedade e favoreçam o aumento da confiança em dirigir por meio do treino das habilidades de direção, com um instrutor qualificado e paciente.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar a produção científica sobre avaliação e intervenção

em pessoas com medo de dirigir, questão que tem suscitado cada vez mais interesse de pesquisadores e profissionais sobre essa questão. Com base nas publicações, foi possível verificar que as características das pessoas com medo de dirigir envolvem, primordialmente, a preocupação com (a) manifestações específicas da sua própria ansiedade; (b) condições da via e do veículo e (c) aspectos relativos ao meio social. Também, fica evidente a necessidade da construção de instrumentos psicométricos que avaliem de fato o medo ou fobia de dirigir, considerando especificamente características do trânsito da realidade brasileira. Recentemente foi publicado um estudo de evidência de validade para o *Driving Cognitions Questionnaire – DBQ* no Brasil (Gomes *et al.*, 2015), sendo necessário que o mesmo ocorra com o *Driving Behavior Survey* (DBS; Cantini *et al.*, 2013a), que já foi adaptado para o português.

Os relatos sobre as intervenções demonstram que, geralmente, o plano terapêutico tem como objetivo diminuir ou extinguir o comportamento de evitar dirigir. Dessa forma, procuram aumentar o contato com o veículo, o aprimoramento das habilidades na direção e a confiança em dirigir com segurança. Importante ressaltar que não foi possível dimensionar o trabalho interventivo que tem sido realizado com esse público recentemente, uma vez que as últimas publicações encontradas são de 2003 (Wald e Taylor, 2003; Walshe *et al.*, 2003). Seria necessário que os psicólogos que atuam na prática divulgassem as intervenções terapêuticas que utilizam e a eficácia dessas estratégias no tratamento do medo de dirigir, principalmente, no Brasil.

Os resultados dos artigos analisados que apresentam as características das pessoas com medo de dirigir, bem como as intervenções, não discutem os fenômenos psicológicos que aparecem com frequência durante os atendimentos clínicos com pessoas com medo de dirigir, tais como a preocupação excessiva com perfeccionismo e o medo da crítica (Corassa, 2000). Como agenda de pesquisa para estudos futuros, seria relevante ampliar o foco para essas características, que podem ser particularidades de transtornos como o obsessivo compulsivo, de ansiedade e de depressão (DSM-5; APA, 2014). Outro aspecto interessante a ser investigado diz respeito à compreensão sobre como alguns motoristas, que apesar de se sentirem ansiosos na direção, conseguem dirigir com segurança e se percebem como bons motoristas (Clapp *et al.*, 2011).

Valeria, também, investigar o aprendizado dos motoristas com medo de dirigir durante o processo de habilitação, que pode ter sido deficitário, bem como suas crenças e as suas habilidades na direção, uma vez que eles podem se perceber como que não tendo domínio do veículo e conhecimentos para dirigir (Cantini *et al.*, 2013b); ou baixa autoeficácia para dirigir (Mognon e Santos, 2016). Relevante, ainda, é avaliar o impacto das relações sociais sobre o indivíduo, o medo de ser pressionado, atrapalhar o trânsito, de ser hostilizado ou ridicularizado com palavras ou olhares, seja por parte dos familiares, cônjuge ou outros motoristas. Enfim, nas intervenções com os motoristas com medo de dirigir é necessário compreender tanto os aspectos cognitivos, como os emocionais que mantêm muitos desses comportamentos.

Nos estudos sobre o perfil dos motoristas foram utilizados instrumentos psicométricos que, por um lado, contribuem para que os achados sejam replicáveis e que abranjam um número maior de pessoas. Por outro lado, dificultam a investigação mais aprofundada e/ou individualizada de alguns aspectos que só um método qualitativo permitiria. Assim, seriam relevantes estudos com delineamento metodológico mistos, envolvendo diversas estratégias de coletas de dados com o uso, por exemplo, de instrumentos psicológicos, entrevistas e uso de simuladores de direção. À guisa de conclusão, verifica-se não há somente o aumento do interesse dos pesquisadores, principalmente no que tange à avaliação do perfil de motoristas com medo de dirigir, com o uso de instrumentos psicológicos, como também o de psicólogos clínicos para atuarem neste contexto, embora ainda sejam escassas as descrições de intervenções terapêuticas.

Referências

- ALMEIDA, N.D.V.; LIMA, A.K.; ALBUQUERQUE, C.M.; ANTUNES, L. 2005. As relações de gênero e as percepções dos/das motoristas no âmbito do sistema de trânsito. *Psicologia Ciência e Profissão*, **25**(2):172-185.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000200002>
- ALPERS, G.W.; WILHELM, F.H.; ROTH, W.T. 2005. Psychophysiological assessment during exposure in driving phobic patients. *Journal of Abnormal Psychology*, **114**(1):126-139.
<https://doi.org/10.1037/0021-843X.114.1.126>
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). 2013. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, 5th edition – DSM-V*. 2014. Arlington, APA, 992 p.
- BARP, M.; MAHL, A.C. 2013. Amaxofobia: um estudo sobre as causas do medo de dirigir. *Revista Unoesc & Ciência – ACBS*, **4**(1):39-48.
- BELLINA, C.C.C. 2005. *Dirigir sem Medo*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 125 p.
- CANTINI, J.A.; CLAPP, J.D.; RIBEIRO, L.; ANDRADE, S.M.H.P.; PEREIRA, M.V.; NARDI, A.E.; SILVA, A.C. 2013a. Translation and cross-cultural adaptation of the Brazilian portuguese version of the driving behavior survey (DBS). *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, **35**(4):272-278.
<https://doi.org/10.1590/2237-6089-2013-0028>
- CANTINI, J.A.; RIBEIRO, L.; ANDRADE, S.M.H.P.; PEREIRA, V.M.; NARDINI, A.E.; SILVA, A.C. 2013b. Fear and avoidance of driving vehicles: Characteristics of drivers who never drove after taking the Driver's License. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, **62**(2):124-130.
<https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000200005>
- CARVALHO, M.R.; COSTA, R.T.; SARDINHA, A.; MELO-NETO, V.L.; NARDI, A.E. 2011. Driving Cognitions Questionnaire: estudo de equivalência semântica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, **33**(1):35-47.
<https://doi.org/10.1590/S0101-81082011000100007>
- CLAPP, J.D.; OLSEN, S.A.; BECK, J.G.; PALYO, S.A.; GRANT, D.M.; GUDMUNDSDOTTI, B.; MARQUES, L. 2011. The driving behavior survey: Scale construction and validation. *Journal of Anxiety Disorders*, **25**(1):96-105.
<https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2010.08.008>
- CORASSA, N. 2000. *Vença o medo de dirigir: como superar-se e conduzir o volante da própria vida*. São Paulo, Gente, 152 p.
- COSTA, R.T.; CARVALHO, M.R.; CANTINI, J.; FREIRE, R.C.R.; NARDI, A.E. 2014. Demographics, clinical characteristics and quality of life of Brazilian women with driving phobia. *Comprehensive Psychiatry*, **55**(2):374-379.
<https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2013.08.003>
- COSTA, R.T.; CARVALHO, M.R.; NARDI, A.E. 2010. Exposição por realidade virtual no tratamento do medo de dirigir. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, **26**(1):131-137.
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100015>
- EHLERS, A.; HOFMANN, S.G.; HERDA, C.A.; ROTH, W.T. 1994. Clinical characteristics of driving phobia. *Journal of Anxiety Disorders*, **8**:323-339.
[https://doi.org/10.1016/0887-6185\(94\)00021-2](https://doi.org/10.1016/0887-6185(94)00021-2)
- EHLERS, A.; TAYLOR, J.E.; EHRING, T.; HOFMANN, S.G.; DEANE, F.P.; ROTH, W.T.; PODD, J.V. 2007. The Driving Cognitions Questionnaire: Development and preliminary psychometric properties. *Journal of Anxiety Disorders*, **21**(4):493-509.
<https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2006.08.002>
- GOMES, I.C.O.; LOPES, E.J.; ROSSINI, C.; LOPES, R.F.F. 2015. Propriedades psicométricas da versão brasileira do Driving Cognitions Questionnaire – DCQ. *Avaliação Psicológica*, **14**(3):319-327.
<https://doi.org/10.15689/ap.2015.1403.03>
- HAYDU, V.B.; FORNAZARI, S.A.; BORLOTI, E.; HAYDU N.B. 2014. Facetas da exposição in vivo

- e por realidade virtual na intervenção psicológica no medo de dirigir. *Psico*, **45**(2):136-146.
<https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.11442>
- KRAFT, T.; KRAFT, D. 2004. Creating a virtual reality in hypnosis: A case of driving phobia. *Contemporary Hypnosis*, **21**(2):79-85.
<https://doi.org/10.1002/ch.293>
- LU, J.; XIE, X.; ZHANG, R. 2013. Focusing on appraisals: How and why anger and fear influence driving risk perception. *Journal of Safety Research*, **45**:65-73.
<https://doi.org/10.1016/j.jsr.2013.01.009>
- MARÍN, S.S. 2011. Evaluation of fear of driving in students of driver license Evaluación del miedo a conducir o amaxofobia en pre-conductores. *Securitas Vialis*, **3**(2):53-62.
<https://doi.org/10.1007/s12615-012-9040-5>
- MARÍN, S.S. 2012. Validación de un cuestionario breve para la evaluación del miedo a conducir en preconductores. *Securitas Vialis*, **4**(1):17-22.
<https://doi.org/10.1007/s12615-012-9043-2>
- MOGNON, J.F.; SANTOS, A.A.A. 2016. Escala de Autoeficácia para dirigir: construção e avaliação preliminar das propriedades psicométricas. *Estudos de Psicologia*, **33**(1):127-136.
<https://doi.org/10.1590/1982-027520160001000013>
- PAIVA, J.G.S.; CARDOSO, A.; LAMOUNIER JUNIOR, E. 2007. Uma proposta para o tratamento de fobias de direção através da criação de rotas automatizadas virtuais. *Aletheia*, **25**:97-108.
- ROVETTO, F.M. 1983. In vivo desensitization of a severe driving phobia through radio contact with telemonitoring of neurophysiological reactions. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, **14**(1):49-54.
[https://doi.org/10.1016/0005-7916\(83\)90012-5](https://doi.org/10.1016/0005-7916(83)90012-5)
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P. 1999. Acquisition and severity of driving-related fears. *Behaviour Research and Therapy*, **37**(5):435-449.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00065-5](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00065-5)
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P.; PODD, J. 1999. Stability of driving fear acquisition pathways over one year. *Behaviour Research and Therapy*, **37**(10):927-939.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7967\(98\)00194-6](https://doi.org/10.1016/S0005-7967(98)00194-6)
- TAYLOR, J.E.; ALPASS, F.; STEPHENS, C.; TOWERS, A. 2011. Driving anxiety and fear in young older adults in New Zealand. *Age and Ageing*, **40**(1):62-66.
<https://doi.org/10.1093/ageing/afq154>
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P.; PODD, J. 2007a. Diagnostic features, symptom severity, and help-seeking in a media-recruited sample of women with driving fear. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, **29**(2):81-91.
<https://doi.org/10.1007/s10862-006-9032-y>
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P.; PODD, J. 2007b. Driving fear and driving skills: Comparison between fearful and control samples using standardized on-road assessment. *Behaviour Research and Therapy*, **45**(4):805-818.
<https://doi.org/10.1016/j.brat.2006.07.007>
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P.; PODD, J. 2008. The relationship between driving anxiety and driving skill: A review of human factors and anxiety-performance theories to clarify future research needs. *New Zealand Journal of Psychology*, **37**(1):28-37.
- TAYLOR, J.E.; SULLMAN, M.J.M. 2008. What does the driving and riding avoidance scale (DRAS) measure? *Journal of Anxiety Disorders*, **23**(4):504-510.
<https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2008.10.006>
- TAYLOR, J.E.; PAKI, D. 2008. Wanna drive? Driving anxiety and fear in a New Zealand community sample. *New Zealand Journal of Psychology*, **37**(2):31-37.
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P. 2000. Comparison and characteristics of motor vehicle accident (MVA) and non-MVA driving fears. *Journal of Anxiety Disorders*, **14**(3):281-298.
[https://doi.org/10.1016/S0887-6185\(99\)00040-7](https://doi.org/10.1016/S0887-6185(99)00040-7)
- TAYLOR, J.E.; DEANE, F.P.; PODD, J. 2000. Determining the focus of driving fears. *Journal of Anxiety Disorders*, **14**(5):453-470.
[https://doi.org/10.1016/S0887-6185\(00\)00033-5](https://doi.org/10.1016/S0887-6185(00)00033-5)
- WALD, J.; TAYLOR, S. 2000. Efficacy of virtual reality exposure therapy to treat driving phobia: a case report. *Journal of Behaviour Therapy and Experimental Psychiatry*, **31**(3-4):249-257.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7916\(01\)00009-X](https://doi.org/10.1016/S0005-7916(01)00009-X)
- WALD, J.; TAYLOR, S. 2003. Preliminary research on the efficacy of virtual reality exposure therapy to treat driving phobia. *CyberPsychology & Behavior*, **6**(5):459-465.
<https://doi.org/10.1089/109493103769710488>
- WALSHE, D.G.; LEWIS, E.J.; KIM, S.I.; O'SULLIVAN, K.; WIEDERHOLD, B.K. 2003. Exploring the use of computer games and virtual reality in exposure therapy for fear of driving following a motor vehicle accident. *CyberPsychology & Behavior*, **6**(3):329-334.
<https://doi.org/10.1089/109493103322011641>
- WELLMAN, R.J. 1978. Fear of solo driving treated with sequentially arranged behavioral methods: A case study. *Behavior Therapy*, **9**(2):290-292.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(78\)80115-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(78)80115-4)

Submetido: 16/12/2016

Aceito: 09/03/2017